

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Livre
Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021
Submetido em: 21/12/2020
Aprovado em: 04/01/2021

Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro¹

Sertanejo's world: love betrayed and Bolsonaro

Universo sertanejo: amor traicionado y Bolsonaro

Vera Veiga FRANÇA²
Vanrochris Helbert VIEIRA³

Resumo

Este texto buscou encontrar confluências entre dois movimentos percebidos no universo da música sertaneja nos últimos anos: no cenário político, o apoio quase total dos cantores ao candidato Bolsonaro, em nome da ordem e do uso de armas; nas músicas, a temática dos relacionamentos afetivo-sexuais com ênfase no viés da “sofrência”, do eu lírico que sofre a separação, enfrenta relações instáveis e mulheres mais fortes. Zizek, através do conceito (laciano) de *point de capiton*, ajudou-nos a entender a coesão de elementos ideológicos díspares dentro de uma formação discursiva conservadora, delineada por um modelo de masculinidade.

Palavras-chave: Música sertaneja. Bolsonaro. Masculinidade.

Abstract

This text sought to find confluences between two movements perceived in the universe of sertaneja music in the last years: in the political scenario, the almost total support of the singers to the candidate Bolsonaro, in the name of the order and the use of arms; in songs, the theme of affective-sexual relationships with an emphasis on the “suffering” bias, the lyrical ego that undergoes separation, faces unstable relations and stronger women. Zizek, through the (Lacanian) concept of *point de capiton*, helped us to understand the cohesion of disparate ideological elements within a conservative discursive formation delineated by a model of masculinity.

Keywords: Sertaneja music. Bolsonaro. Masculinity.

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no GT Comunicação e Sociabilidade, no 28º Encontro Anual da Compós, PUC/RS, junho/2019.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG; pesquisadora do CNPq. E-mail: veravfranca@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-6074-4333.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC e mestre em Comunicação Social pela UFMG. E-mail: vanrochris@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0579-9064.

Resumen

Este texto buscó encontrar confluencias entre dos movimientos percibidos en el universo de la música sertaneja en los últimos años: en el escenario político, el apoyo casi total de los cantantes al candidato Bolsonaro, en nombre del orden y el uso de armas; en las canciones, el tema de las relaciones afectivo-sexuales con énfasis en el sesgo del “sufrimiento”, del yo lírico que sufre la separación, enfrenta relaciones inestables y mujeres más fuertes. Žizek, a través del concepto (laciano) de *point de capiton*, nos ayudó a comprender la cohesión de elementos ideológicos dispares dentro de una formación discursiva conservadora, perfilada por un modelo de masculinidad.

Palabras clave: Música sertaneja. Bolsonaro. Masculinidad.

Introdução

No contexto das últimas eleições presidenciais no Brasil (2018), assistimos a um fenômeno novo e curioso: a intensa manifestação pública de diversas celebridades em apoio a um ou outro candidato (no caso, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad). Em trabalho anterior (FRANÇA, MEDEIROS, ALMEIDA, 2020), e frente à forte polarização política vivida no país, buscamos analisar o posicionamento de um recorte de 49 celebridades. Agrupando-as em categorias, de acordo com sua área de atuação, foi interessante observar tendências diferentes conforme o tipo de celebridade: cantores da MPB, *pop*, *rap*, *funk*, bem como artistas ligados à Rede Globo se manifestaram majoritariamente por Haddad (ou pelo menos contra Bolsonaro). Mas algumas categorias – como cantores sertanejos e esportistas (jogadores de futebol, lutadores) – posicionaram-se quase em sua totalidade pró-Bolsonaro.

No caso dos cantores sertanejos, num total de oito em nossa amostra, apenas uma cantora (Marília Mendonça) havia se declarado adepta do *#EleNão*; tendo sido criticada e ameaçada em suas redes sociais, retirou o apoio e se justificou junto a seus fãs. Os demais não apenas declararam apoio, como gravaram vídeos de adesão e convocação ao posicionamento dos fãs. Após as eleições, foi organizado um almoço dos “sertanejos” no Clube dos Militares em Brasília, no dia 11 de dezembro, de comemoração da vitória, com a presença de cerca de 30 cantores. Que tipo de afinidade poderia aproximar esse setor da produção cultural de uma candidatura de extrema direita, que reuniu interesses políticos heterodoxos e extremamente conservadora no que tange à moral e costumes?

O universo da música sertaneja começa a se desenvolver no Brasil do início do século passado, enraizado no sudeste/centro-oeste do país. Passou por várias fases; a música “caipira” do início, refletindo o cotidiano e os valores do trabalhador rural, se profissionaliza e é absorvida pela indústria fonográfica, assumindo uma face romântica. Em anos recentes, configura uma nova tendência, nomeada de “sertanejo universitário”. Como ela está agora? Quais são os novos rostos da música sertaneja, e o que evocam suas canções? Seria possível perceber alguma interseção entre esse universo cultural e o espectro ideológico traçado pela candidatura de Bolsonaro?

Neste texto, procuramos explorar os veios mais expressivos do campo discursivo dos sertanejos em apoio a Bolsonaro e, paralelamente, das músicas de maior sucesso cantadas por eles em 2018 e anos recentes. Vale registrar, para realçar a importância desse universo cultural, que as dez músicas mais tocadas nas rádios brasileiras em 2018 são sertanejas, e que entre as 100 músicas mais tocadas, 82 são desse gênero musical.⁴ Trata-se, portanto, de um setor altamente presente no campo cultural brasileiro, o que indica a relevância dos valores políticos e culturais que ele expressa. Ao mesmo tempo, e em razão mesmo dessa presença significativa no cenário cultural, pode-se constatar o interesse crescente dos estudos comunicacionais direcionados para a temática da música, da canção popular, das linguagens sonoras⁵ em sua relação com os contextos sociais, culturais, políticos.

“99% dos sertanejos estão com Bolsonaro”

Essa é a opinião de Zezé Di Camargo, um dos cantores mais conhecidos do gênero, da dupla Zezé Di Camargo & Luciano, personagem de uma carreira de sucesso de quase 30 anos, ex-trabalhador rural e hoje proprietário de fazendas no estado de Goiás.

⁴ Dados da Crowley divulgados pela Billboard Brasil, disponíveis em: <https://billboard.uol.com.br/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

⁵ A título de exemplo, lembramos a existência de grupos voltados para a temática em dois grandes eventos da área – o GT Som e Música, da Compós, e o GP Rádio e Mídias Sonoras, da Intercom; eventos específicos, como o Congresso de Comunicação & Música e o Musicom (organizado pela Rede de Pesquisadores em Mídia e Música Popular); grupos de pesquisa como o ESCUTAS (Grupo de Pesquisa e Estudos em Sonoridades, Comunicação, Textualidades e Sociabilidade), da UFMG, o MUSILAB (Laboratórios Interdisciplinares de Música e Cultura) e o LABCULT (Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias da Comunicação), ambos da UFF, o Laboratório de Análise de Música e Audiovisual, da UFPE, entre outros.

Em um vídeo⁶ de 15 min., veiculado no YouTube, ao lado do então candidato Jair Bolsonaro, Zezé explica as razões de estar, naquele momento, expondo publicamente sua posição de apoio ao candidato.

Tudo começou, ele relata, com a quantidade de críticas e cobranças que recebeu de seus seguidores após postar um vídeo, em suas redes sociais, dizendo que não estaria apoiando ninguém nas eleições presidenciais. Na sequência, ele fala de um show na cidade de Santa Cruz do Sul (SP), quando perguntou ao seu público em quem eles votariam; vários nomes foram vaiados pela audiência, e Bolsonaro foi aplaudido entusiasticamente, com gritos de “mito”.

Ele diz que mudou muita coisa em sua cabeça, e teve “uma vontade imensa de externar aquilo”, de “fazer o que meu coração manda”, acrescentando: “99% dos artistas sertanejos têm vontade de falar o que eles pensam sobre Bolsonaro, mas ao mesmo tempo têm medo, medo de represália por parte dos veículos de comunicação, [pois] a gente precisa não só do público, mas a gente precisa da mídia como um todo”.

Também conta que vem assistindo a debates, vendo “eles batendo em você o tempo todo”, e aí teve vontade de “combater algumas inverdades que a gente sabe que não existe”. “Um cara que tem oito segundos [de tempo na propaganda eleitoral gratuita], não tem nem comitê, não tem gente investindo, trabalha com telefone, ele e a família...”. Então ficou impressionado com essa “capacidade de comunicação”, e quis ir falar com o candidato pessoalmente.

Na conversa com Bolsonaro, ele se diz um cara suprapartidário, que acredita em plataforma e em pessoas; que não quer o militarismo, mas “o povo brasileiro precisa de disciplina, principalmente dentro das escolas”. “Confessa” que já esteve encantado com a proposta do governo (petista), “comida na mesa do trabalhador”, mas depois foi se cansando, “começou a ver por trás daquele paternalismo”. “Tá errado. Tem que colocar regras... não dar esmola. Isto já me incomodou”.

E termina dizendo que temos chance de mudar o Brasil: “a gente [artistas] tá com a vida ganha. Vamos olhar pro Brasil. (...) O Brasil tem que ter no momento uma salvação, um caminho (...) A bandeira do Brasil é verde amarela, não é vermelha não”.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pKQ7xf18kEk>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

Sua fala expressa questões e motivações que atravessaram grande parte do eleitorado brasileiro nas últimas eleições: adesão ao que seria um sentimento majoritário; empatia com um candidato azarão, solitário, “um simples capitão”; sentimento de uma forte “desordem” no país, acompanhado pelo desejo de um “caminho certo”, associado ao antipetismo e anticomunismo.

Esses últimos elementos e a associação entre desordem e anticomunismo são mais claramente explicitados nas falas de Amado Batista, cuja carreira também começou como filho de agregado rural até se converter em cantor de sucesso e proprietário rural também em Goiás. Em entrevista⁷ a Fábio Porchat, em 2017, Amado (que foi preso e torturado no período da ditadura), não teve constrangimento em elogiar a ditadura militar: “Graças às forças armadas isto aqui não é Cuba. (...) Será que alguém defenderia essa anarquia que está aqui? Eu prefiro a ditadura. Porque a ditadura foi maravilhosa. Ela foi ruim para políticos que queria tomar o país na base das armas”.

Falando para a rádio Cultura AM⁸ de Campo Grande, ainda em 2017, o cantor brega-sertanejo vê em Bolsonaro exatamente a firmeza para combater a “anarquia que está aqui”:

Nós estamos precisando de um presidente de pulso firme, que seja democrático, mas que seja firme. Temos que votar em um cara que realmente tenha credibilidade, que **seja uma pessoa como nós**. O Jair Bolsonaro, por exemplo. (...) Bolsonaro é um cara democrático, que tem pulso firme, e tenho certeza absoluta que você não irá ver nada de corrupção com ele (BATISTA, 2017, grifo nosso).

Firmeza e credibilidade são as qualidades que o cantor evoca em sua cruzada anticomunista, fustigando, de quebra, artistas que “se aproveitam” da Lei Rounet: “Nós vimos informações de um cara que não gosta do nosso país, que adora Fidel Castro, que adora Cuba, mas em compensação ele levou R\$ 13 milhões da Lei Rouanet, que é o Chico Buarque de Holanda” (como beneficiários da Lei Rouanet ele cita ainda Jô Soares, Claudia Leitte, Ivete Sangalo).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aD8-4ZKiLGg>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6nChOzs3f0>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Tanto Amado Batista como Zezé Di Camargo pertencem a uma geração mais antiga; o tom dos novos cantores é mais incisivo na evocação das armas e defesa do “cidadão de bem”. Gustavo Lima, número um nas paradas de sucesso, posta vídeo⁹ atirando em uma “tarde em um Clube de Tiro” e faz um chamamento: “O cidadão armado é a primeira linha de defesa de um país. Hoje em dia no Brasil só está desarmado o cidadão de bem. Revogação do Estatuto do desarmamento já! Nossas famílias e nossas casas protegidas!”.

Na mesma linha, Eduardo Costa, em inúmeros vídeos, apoia Bolsonaro, defende a militarização das escolas, tira foto com fuzil e se diz “totalmente favorável também de armar o cidadão de bem. Não o porte de arma, mas dar posse, para você possuir a arma dentro de sua casa, de seu lar, para você defender a integridade da família”¹⁰.

Sérgio Reis pertence à velha geração, mas reforça a mesma posição: “os bandidos andam [armados], por que não podemos? Os jovens estão querendo moralizar. Se ele [Bolsonaro] vier, ele bota a casa em dia. Ele não gosta de falcaturia”¹¹.

Zé Neto & Cristiano, após terem recebido o prêmio *Melhores do Ano* do *Domingão do Faustão*, na categoria Música, postaram um vídeo¹² em uma rede social dedicando o prêmio ao “Capitão”. Em outro vídeo¹³, Zé Neto mandou abraço a Eduardo Bolsonaro, “grande parceiro, atirador, cara conhecedor de armas”. Marrone (da dupla Bruno & Marrone), recebendo a visita de Eduardo Bolsonaro, relata que foi a Brasília conhecer Jair Bolsonaro, e elogia “a seriedade, a sinceridade” do então candidato. Diz que “o Brasil inteiro ficou muito comovido com essa história” [a facada], e pontua: “com certeza o melhor presidente que o Brasil vai ter”¹⁴.

Uma síntese dos depoimentos colhidos nos indica que a tônica dessas falas é arma e disciplina. Estão confiantes na pessoa do candidato (tem firmeza, sinceridade, é avesso a falcaturas), e alguns têm proximidade com seus filhos. Há também um sentimento de solidariedade e quase uma vitimização da figura de Bolsonaro: fez

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWVbARqKHAU>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V9afMhX5IcY>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n1czudm5u5U>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjfNDVvG0mo>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7eA1sFHeoK4>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1oCahjJCrBc>. Acesso em: 10 de jan. 2020.

campanha sozinho, está apanhando de todos; é uma pessoa como a gente; foi vítima de uma tentativa de assassinato.

No almoço de confraternização oferecido ao candidato já vitorioso, alguns dias após as eleições, é interessante destacar a presença de vários cantores – Amado Batista, Bruno e Marrone, Gian e Giovani, Leonardo, Milionário, Matogrosso (da dupla com Mathias), George Henrique e Rodrigo, Léo Canhoto e Robertinho. O locutor de rodeio Cuiabano Lima fez um discurso de homenagem citando trechos do hino nacional e depois deu um chapéu para Bolsonaro, que prometeu estar na próxima Festa do Peão, em Barretos.

Sobre os cantores, vale lembrar que eles vêm de Minas, Goiás, interior de São Paulo; quase todos têm origem rural, e muitos são agora proprietários de fazenda. Se os primeiros representantes do gênero falavam para o caboclo do interior e com o trabalhador rural que migrou para os grandes centros, saudosos de sua terra, o núcleo sertanejo contemporâneo revela ligações não com o mundo rural das fazendas tradicionais e com a vida do vaqueiro, mas com o agronegócio e a perspectiva ideológica que vem sendo defendida pelos políticos da área (a conhecida “bancada ruralista”)¹⁵.

O almoço de homenagem a Bolsonaro foi organizado pelo casal Uughton Batista e Simone Batista e pelo empresário Jackson Pomin. O casal Batista mora em Goiânia e é membro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Em seu Instagram, Uughton se apresenta como “goiano, articulador, pai apaixonado pela família”. Já comandou o PMDB Jovem de Goiás e em 2016 ocupou cargo de confiança na Prefeitura de Goiânia, nomeado por Íris Resende (MDB). É alguém que tem proximidade com a política tradicional de Goiás (é um “articulador”) e com os setores evangélicos. Pomin é apresentado como um empresário de Curitiba. Uma pesquisa na Internet identificou alguns dados de sua biografia: radialista; foi candidato a vereador em 2009 pelo PDT (não foi eleito). Além disto, seu nome aparece no meio de um *fait divers*: em 2016, seu filho, de 15 anos, assassinou a madrasta, de 26 anos, com um tiro na cabeça, utilizando uma arma que o pai guardava em casa. Apesar de sua trágica experiência, apoiou o candidato que defendia a

¹⁵ A bancada ruralista no Congresso, Frente Parlamentar da Agricultura (FPA), que, então, reunia 261 parlamentares e defende uma pauta controversa (relação com terras indígenas, com meio ambiente), apoiou integralmente a candidatura de Bolsonaro. A presidente da FPA, Tereza Cristina (deputada do DEM-MS), foi depois indicada por Bolsonaro para o Ministério da Agricultura.

posse de armas. Dessa maneira, a festa indicou uma estranha parceria entre pessoas que conjugam, além do viés musical sertanejo, interesses políticos e religiosos, com inserção em Goiás, interior de São Paulo e Paraná.

Esse breve “extrato” (que, como dissemos acima, não é exclusivo desse grupo e indica uma certa exemplaridade do contexto mais amplo das eleições), revela traços díspares. Em que medida podemos perceber alguma identidade ideológica entre aspectos como defesa da família, preocupação com segurança, sentimento de desordem no Brasil, valorização da disciplina, armas, anticomunismo? O respeito pela família é um tema amplamente partilhado e está longe de ser exclusivo da direita; a questão da segurança é um problema real no Brasil, e há um consenso de que precisa ser enfrentado. E o sentimento de que o Brasil não vai bem é experimentado pela grande maioria dos brasileiros. Tais elementos não guardam uma equivalência “natural” entre si e tampouco constituem uma pauta exclusiva da direita; eles podem estar inseridos em diferentes construções ideológicas, e a maneira como se articulam em um mesmo discurso é resultado de uma construção.

Zizek (2003), através do conceito laciano de “*point de capiton*” (ponto de capitonê, ou estofa), traz uma contribuição preciosa para tratar dessa questão. “El espacio ideológico está hecho de elementos sin ligar, sin amarrar, ‘significantes flotantes’, cuya identidad está ‘abierta’, sobredeterminada por la articulación de los mismos en una cadena con otros elementos”. (ZIZEK, 2003, p. 125). Esses significantes “flutuantes”, elementos protoideológicos, são estruturados e ganham sentido pela intervenção de um ponto estruturador (*point de capiton*), um elemento que os unifica e impede que deslizem, que dá organicidade a seus significados. O que significa dizer: a ideologia recupera elementos díspares que unifica através de um eixo articulador.

Ora, há alguns anos o Brasil vem vivendo uma crise - e um sentimento de crise, alardeado e fomentado pela imprensa. O desemprego cresceu, a violência das cidades se tornou mais evidente e assustadora, ao lado das deficiências e atrasos no atendimento a setores vitais como saúde e educação, gerando forte descontentamento.

Tais carências (e sentimentos de carência) poderiam ser conduzidas e unificadas em vários discursos. Mas exatamente, “lo que está en juego en la lucha ideológica es cuál de los ‘puntos nodales’, *points de capiton*, totalizará, incluirá en su serie de equivalências

a esos elementos flotantes” (idem, p. 126). O binômio violência-segurança, por exemplo, pode ser articulado discursivamente em prol do fortalecimento de políticas públicas voltadas para a educação e a geração de empregos para a juventude. Ou em um discurso que prega a repressão e diz que “bandido bom é bandido morto”.

O discurso da mídia, nos últimos anos, associou sucesso, corrupção e governo do PT como causa de todos os males; o antipetismo foi o ponto articulador que integrou, numa estrutura de sentido, os problemas e a solução. A extrema direita – e Bolsonaro – apenas tiveram que resgatar essa construção e totalizar o discurso. Saúde, educação, habitação, emprego foram para segundo plano, cobertos pela rubrica “crise”; petismo igualou comunismo (a associação com Venezuela e Cuba foi essencial para alicerçar esse campo semântico), e passou a significar “fonte da crise e dos problemas”. Nessa configuração, a solução estava delineada no “fora PT”. A disciplina e as armas completaram o “estofó” pra conter e conduzir o sentido do problema e da solução delineados. Violência e segurança ganham nova conotação quando alinhadas com armas e cidadão de bem. A expressão “cidadão de bem” torna-se um coletivo homogeneizado pela demonização do outro: os “bandidos”. Um quadro agonístico e o posicionamento dentro dele completaram o modelo de interpretação da realidade.

Neste contexto interpretativo, nada como um líder messiânico (bem ao gosto da tradição brasileira) para o trabalho de salvação; um político de carreira obscura – tão obscura que passou despercebida – soube fazer um ótimo uso das redes sociais para surgir como “novo”, abraçar e dar corpo a essa construção discursiva. Bolsonaro foi o “significante vazio” que pôde acomodar e designar o discurso totalitário de combate ao “mal”. Esse deputado, invisível em sua atuação no Congresso, fazia aparições sensacionalistas em programas televisivos (comandados por Luciana Gimenez, Danilo Gentili, Ratinho) e não trazia nada em sua biografia além de umas poucas frases de efeito e uma *performance* de valentão. Um “significante” adequado para o conteúdo que os setores conservadores (algumas igrejas evangélicas entre eles) vieram constituindo.

Esse trabalho de alinhamento dos *points de capiton* para canalizar a insatisfação veio sendo feito pela mídia hegemônica ao longo dos anos, em perfeita integração com as classes dominantes do país (do qual ela faz parte, aliás).

Mas, e os sertanejos – por que entraram nessa? A explicação é em parte sociológica. Os intérpretes são de origem rural, e da região de fazendas do sudeste-centro oeste do Brasil (São Paulo, Minas e Goiás). O crescimento desse setor (cantores sertanejos) promoveu uma classe de novos ricos, de novos proprietários de fazenda, com grande proximidade com o agronegócio e os empresários rurais. Distante dos antigos trabalhadores rurais (onde tiveram sua origem), a afinidade ideológica agora é dada por essa inserção comum: os cantores participam do mesmo grupo de interesses (os ruralistas), e têm aí seu público privilegiado.

Deve-se lembrar ainda que o imaginário rural sempre valorizou o homem corajoso, valente, que enfrenta os inimigos. Esse quadro comporta inclusive o uso de armas, e o *cowboy* americano da época do velho oeste é um modelo que se vê reproduzido na indumentária dos cantores, no comportamento dos públicos dos rodeios.

Mas resta um outro ponto de incongruência. Se a inserção social dos sertanejos nos permite falar de uma possível afinidade ideológica entre cantores e setores da classe dominante de perfil rural, de que maneira isso se reflete em suas músicas? Seria possível achar alguma interseção entre o posicionamento (ideologia e valores) desse grupo – cantores e seu público – e a música sertaneja contemporânea?

Relações instáveis no universo sertanejo

A música sertaneja está comemorando seu centenário, tendo começado a construir sua história na década de 1920, com a chegada de uma geração pioneira de cantores de música caipira a São Paulo. O nome “música sertaneja” surgiu, então, no momento em que a música caipira inseriu-se no mercado fonográfico; desse modo, o que marca o início desse gênero é a migração de uma cultura rural para o meio urbano. A música caipira¹⁶ perpassa a história da própria construção do Brasil. Conforme Nepomuceno (2005), ela tem origem portuguesa. Seguindo as rotas da mineração do ouro e, posteriormente, do cultivo do café, as “modas de viola” passaram a se enraizar na cultura do interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná. Essa música expressava uma forte correlação com o

¹⁶ O termo “caipira” tem origem indígena e quer dizer “cortador de mato”. Faz referência aos brancos que chegavam ao país abrindo caminho pela mata. Posteriormente, acabou se popularizando no centro-sul como forma de denominar a população advinda da miscigenação entre brancos e indígenas.

universo rural e fazia parte da própria vida do sujeito interiorano, marcando suas temporalidades, festividades, costumes. Ao tornar-se sertaneja, ela se desencaixa dessa vivência, tornando-se um produto cultural; Martins (1975) registra o seu desenraizamento enquanto prática cultural e a sua transformação em mercadoria.

À medida em que foi conquistando o mercado fonográfico e sendo cada vez mais executada nas grandes cidades, essa música sofreu diversas influências. O sertanejo caipira (primeiras gerações), através de nomes como Tião Carreiro & Pardinho e Tonico & Tinoco, abordava a saudade da vida no interior, refletindo o êxodo rural desses artistas e também o de grande parte da população naquele momento. Nos anos 1980, surgiu o subgênero *sertanejo romântico*. Ao invés de cantar sobre a vida no interior, esse novo estilo passou a concentrar suas atenções nas relações amorosas. A partir daí, estouraram duplas como Zezé Di Camargo & Luciano e Leandro & Leonardo, que se tornaram superastros, dominando as paradas musicais e ganhando uma legião de fãs. Nessa nova roupagem da música sertaneja, amplificadores e guitarras eletrônicas entraram em cena, transformando também a sonoridade do gênero.

Duas décadas depois, nos anos 2000, surge mais um subgênero, chamado *sertanejo universitário*. Nele, passou-se a cantar sobre temas que permeiam a vida da juventude urbana, como “baladas” – como são chamadas as festas em casas noturnas – e conquistas sexuais. A mistura melódica se tornou ainda mais acentuada, com a aproximação de batidas eletrônicas e do *funk* carioca. Em texto anterior (2015) apontamos que, nas letras das canções de maior sucesso do sertanejo universitário no início da década de 2010, há recorrência de algumas representações, como a valorização de carros enquanto símbolo de poder nas conquistas sexuais. Nesse período, o sucesso de cantores como Michel Teló e Gustavo Lima ganhou proporção internacional. Antunes (2012) destaca a correlação entre a melhoria das condições econômicas e de acesso ao ensino universitário e o surgimento desse subgênero, uma vez que, nesse novo cenário brasileiro, milhares de jovens puderam se deslocar do campo para as cidades levando consigo a tradição da música sertaneja. Nesse movimento, o público da música sertaneja veio se expandindo cada vez mais, ultrapassando a população de origem rural nos grandes centros para atingir a faixa jovem de uma maneira mais horizontal.

Qual o perfil dessa música nos últimos anos, e particularmente no ano de 2018 – período que baliza nosso olhar na presente reflexão? Sem pretender fazer um balanço mais acabado de uma possível nova fase, dedicamo-nos em seguida a olhar para as letras das músicas na tentativa de extrair temas e inferir tendências.

As dez mais tocadas de 2018

Conforme dissemos acima, as músicas sertanejas estão no topo das mais tocadas nas rádios brasileiras em 2018; não apenas ocupam os dez primeiros lugares, como também são a maioria (82) das 100 músicas mais bem posicionadas. Apesar do avanço do chamado “feminejo”, como ficou conhecido o sertanejo interpretado por cantoras nos últimos anos, o gênero dos intérpretes ainda é predominantemente masculino. Entre as músicas sertanejas que fazem parte desse *ranking*, 61 (74%) são cantadas apenas por intérpretes masculinos. Entre as dez músicas mais tocadas, a situação é semelhante: três são de intérpretes femininas, uma tem participação de intérpretes femininas e seis são cantadas exclusivamente por intérpretes masculinos.

Apresentamos abaixo o quadro das dez mais tocadas nas rádios em 2018 (registrando que algumas delas foram lançadas no final de 2017)¹⁷.

Tabela 1 – Músicas mais tocadas nas rádios em 2018

Posição	Intérprete	Música
1	Gusttavo Lima	Apelido Carinhoso
2	Zé Neto & Cristiano	Largado Às Traças
3	Marília Mendonça (Part. Bruno & Marrone)	Transplante
4	Henrique & Juliano	Mais Amor E Menos Drama
5	João Neto & Frederico (Part. Simone & Simaria)	Rapariga Não
6	Eduardo Costa	Olha Ela Aí
7	Maiara & Maraisa	Quem Ensinou Fui Eu
8	Bruno & Marrone	Sua Melhor Versão
9	Marília Mendonça	Ausência
10	Jorge & Mateus	Propaganda

Fonte: Billboard Brasil.

¹⁷ Dados da Crowley divulgados pela Billboard Brasil, disponíveis em: <https://billboard.uol.com.br/>.

Quando promovemos uma leitura da letra dessas dez canções, encontramos grande convergência temática em torno do término de relações, com os sentimentos correspondentes de ciúme, dependência, sensação de perda, sofrimento – tendência que foi apelidada de “sofrência”.

Em *Apelido Carinhoso* (Gusttavo Lima, 2017), o eu lírico passou por um término recente, mas já iniciou um novo relacionamento com uma mulher que está “arrumando” o que sua ex-companheira “revirou”.

Em *Largado às Traças* (Zé Neto & Cristiano, 2018), o eu lírico recorre ao álcool para tentar esquecer sua ex-companheira, adotando um consumo excessivo da bebida. No sofrimento, vive-se a expectativa da volta de sua ex-companheira.

Já o eu lírico de *Transplante* (Marília Mendonça, part. Bruno & Marrone, 2017), acredita que seu ex-companheiro ainda gosta dela, apesar de ele dizer que não. Diz que ele não irá esquecê-la, nem conseguir superar o término, dando a ver, nesse movimento, sua própria dificuldade de lidar com a separação.

Em *Mais Amor e Menos Drama* (Henrique & Juliano, 2018), o eu lírico teve uma decepção amorosa da última vez em que se apaixonou, ao mostrar-se vulnerável para a ex-companheira. Agora, ele está se apaixonando novamente por outra mulher, mas tem medo de que aconteça a mesma coisa.

O eu lírico de *Rapariga Não* (João Neto & Frederico part. Simone & Simaria, 2018), repreende seu interlocutor por não respeitar sua ex-companheira, chamando-a de “rapariga”. A fidelidade é ressaltada como uma virtude da ex-companheira, que “Não é só um corpinho bonito”, mas que “também tem coração”. Tais qualidades excluem-na dessa outra categoria: raparigas.

Em *Olha Ela Aí* (Eduardo Costa, 2018), o eu lírico se vangloria pelo fato de que sua ex-companheira está querendo voltar: “Deu volta no mundo e parou na minha porta”. Tem o orgulho satisfeito, ao sugerir que ela tentou de tudo, e nada mais a fez feliz. Agora se humilha (chora, implora).

É um triângulo amoroso que transparece em *Quem Ensinou Fui Eu* (Maiara & Maraisa, 2018): o eu lírico provoca a atual namorada de seu ex-companheiro, deixando transparecer um sentimento de posse (“Passando na boca que era minha”) e apostando na

não duração do novo romance. A enunciadora não se vê fora da relação (“Pra passar ciúme em mim outra vez”) e diz, orgulhosa, que foi ela quem ensinou as artes do amor a seu ex-companheiro: “Se ele faz a noite inteira / Pede pra falar besteira / Quem ensinou fui eu”.

Em *Sua Melhor Versão* (Bruno & Marrone, 2018), o eu lírico descobre que sua companheira está fazendo sexo com outra pessoa, mas releva, pois acredita que o melhor dela ainda é dele: “O que vale é que aqui na cama / Sua melhor versão tá deitada comigo”.

Já *Ausência* (Marília Mendonça, 2018) trata da dificuldade de superar o término e da esperança de reatarem. No entanto, a não manifestação do ex-companheiro indica o fim, por isso, é melhor esquecer.

Propaganda (Jorge & Mateus, 2018) fecha o *ranking* das mais tocadas nas rádios em 2018 trazendo um eu lírico que sente “pavor” de perder sua companheira para outro homem, demonstrando sentimento de posse e controle. Ele afirma que conta mentiras sobre ela para as outras pessoas “– Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho” – pois ela é dele e tem que se prevenir: “É minha, cuida mesmo, pronto e acabou”.

Numa primeira síntese, é interessante destacar que todas as canções falam sobre relações afetivo-sexuais, mas nenhuma fala de um amor bem-sucedido. Nove falam sobre sofrimento ou crise nos relacionamentos e da dificuldade de superação, dificuldade que transparece no álcool, no medo de se envolver em um novo relacionamento e até na convivência com a “traição”. *Propaganda* não trata de separação, mas do pavor da perda, indicando apropriação e controle.

A prevalência do tema romântico e do sofrimento ligado aos relacionamentos amorosos indica afastamento da temática que predominou no sertanejo universitário no início da década de 2010. Agora, o tema da “sofrência” ganha destaque, marcando uma reaproximação do sertanejo com o estilo romântico anterior. No entanto, aqui, o tema dominante é mais o sentimento da perda do que a paixão. A presença de intérpretes femininas (“feminejo”) no topo das paradas também é uma novidade em relação aos anos

anteriores; no entanto, não se observa uma diferença temática que distancie de forma considerável as músicas cantadas por elas das outras mais tocadas¹⁸.

Intérpretes de sucesso

Buscando ir um pouco além do recorte de 2018, fizemos uma pequena incursão no conjunto de músicas cantadas nos últimos anos por alguns desses intérpretes que apresentam uma grande *performance* no cenário musical brasileiro: Gustavo Lima (primeiro lugar no *ranking*, três músicas no *ranking* de 100) e a dupla Jorge & Mateus (décima música mais tocada; oito músicas no *ranking* de 100)¹⁹.

- Gustavo Lima

Gustavo Lima é o intérprete da música mais tocada nas rádios em 2018, *Apelido Carinhoso* (2017), que fala de um término recente e da tentativa de um novo amor. Além dela, o cantor teve mais cinco músicas no *top 10* da Billboard Brasil nos três anos anteriores (entre 2016 e 2018); todas falam sobre relacionamentos afetivo-sexuais. Em duas delas *Que Pena Que Acabou* (2016) e *Zé da Recáida* (2018), o cantor retrata eu líricos que não conseguem superar o término com suas ex-companheiras.

Três outras músicas tratam de relacionamentos afetivo-sexuais atuais. *Abre o Portão Que Eu Cheguei* (2017) aborda uma relação que está se estabelecendo. Outra música fala de um relacionamento consolidado, porém está passando por uma crise. Em *Eu Vou Te Buscar (Cha la la la la)* (2017), música que tem a participação do *rapper* Hungria Hip Hop, o eu lírico está sentindo falta de sua companheira. Ele afirma que, se ela não voltar por conta própria, ele vai atrás dela para trazê-la de volta, indicando autoritarismo e sentimento de posse: “Seu GPS tá ligado no meu celular / Vai voltar por conta própria, ou eu vou te buscar”.

¹⁸ Nas músicas do chamado “feminejo”, os temas diferem pouco daqueles tratados pelo conjunto das músicas sertanejas. Canções com o eu lírico feminino, no entanto, carregam a potência de trazer o ponto de vista feminino sobre as questões que permeiam o universo sertanejo. Além disso, um outro aspecto a ser enfatizado aqui, como elemento de desequilíbrio, é o próprio feminejo, ou seja, a presença crescente de mulheres num nicho que era predominantemente masculino, e uma presença em posição de força. Esse fenômeno, sem dúvida, suscita uma interessante leitura de gênero, e demandaria um investimento maior, que ultrapassa o espaço e objetivos do presente texto.

¹⁹ Número de músicas incluindo participações.

A última música aborda um relacionamento apresentado como bem-sucedido. *Homem de Família* (2016) retrata um eu lírico que passou por uma transformação ao se apaixonar por sua companheira. Antes dela, ele era um “cachaceiro”, depois se tornou um “homem de família”: “Troquei a noite pelo dia”, “Troquei o bar, agora é só sorveteria”. Ele também “até” tirou o som do carro, indicando um afastamento da vida de baladas e de ostentação de bens de consumo, elementos valorizados no sertanejo universitário no início da década de 2010.

A análise das músicas de Gustavo Lima de 2016 a 2018 mostra a presença do tema da perda (medo, sofrimento) e a insegurança quanto aos interesses da mulher, e aponta para a valorização da família e do casamento. Entretanto, também deixa transparecer autoritarismo e sentimento de posse do homem em relação à mulher. Essas questões demonstram um posicionamento mais conservador e tradicional de suas canções em relação ao seu estilo anterior, presente em suas músicas do início da década.

- Henrique & Juliano

Henrique & Juliano são os intérpretes de *Mais Amor e Menos Drama* (2018), quarto lugar na seleção das dez mais tocadas nas rádios. Como registrado acima, ela relata um eu lírico reticente em se entregar a um novo amor depois de ter vivido uma decepção amorosa. Quatro outras músicas da dupla já haviam ocupado o *top 10* da *Billboard Brasil*.

Três delas falam sobre deixar a vida de balada para trás. Entre essas, uma se aproxima de *Homem de Família* (vista acima), ao abordar um homem que levava um estilo de vida ligado à noite e ao álcool e que é surpreendido pelo amor de uma mulher. Em *Quem Pegou, Pegou* (2018), o eu lírico também está mudando seu estilo de vida por ter se apaixonado: parou de beber e de ir a baladas.

Como é Que a Gente Fica (2016) também fala do distanciamento da vida de balada por causa de um amor. A vida anterior é retratada como “louca”: “Entre uma boca e outra, uma dose e outra / Toda madrugada nessa vida louca”. O surgimento do amor é uma experiência forte, dominante, e o eu lírico ainda não sabe muito bem como agir: “Pensa, explica, como é que a gente fica?”.

Vidinha de Balada (2017), no entanto, refere-se à mudança da mulher: “Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada / E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca”.

Ele gostou dela e decidiu que vão ficar juntos: “Tô a fim de você / E se não tiver, cê vai ter que ficar”, “Vai namorar comigo, sim!”. O homem que se apaixonou pela mulher que encontrou na balada se mostra aqui um assediador autoritário.

Por fim, na quarta música de Henrique & Juliano, *Aquela Pessoa* (2017), o eu lírico nos fala que todos nós temos uma pessoa que pode ir embora e voltar quantas vezes quiser de nossas vidas, e vamos aceitá-la novamente e esquecer das demais; que existe “aquela pessoa”.

A letra das músicas contrapõe os dois tipos de vida – a vida de balada e a vida sossegada dentro de um relacionamento, e indica um movimento em direção ao casamento, à vida de família. É interessante registrar que essa transição concerne aos dois: a mulher também é vista como tendo uma vida de balada. E nesse caso, é a autoridade do homem que vai impor a mudança.

Paixão, sofrimento, insegurança

O termo “sofrência” é, de fato, o melhor que temos em mãos para identificar este momento da música sertaneja. Todas as músicas analisadas falam sobre amor, relacionamentos afetivo-sexuais, terminos ou traição, em uma matriz binária, heterossexual e monogâmica. Entretanto, o sofrimento, em grande parte das vezes, advém exatamente por fugir deste ideal.

O tema mais recorrente é o término e a dificuldade de lidar com ele. Em algumas músicas, a separação leva ao álcool, na tentativa de esquecimento. Se em outros contextos e épocas beber muito era tomado como símbolo de masculinidade, aqui o álcool representa a entrega à dor. Os terminos são vividos com muito sofrimento, frequentemente com esperança de reconciliação, e às vezes ocorrem idas e vindas consecutivas. Há uma oposição entre a razão e a emoção, com a razão optando pelo término e intensificando os defeitos da ex-companheira ou ex-companheiro e da relação, e a emoção intensificando a saudade e a falta. A traição é a causa mais comum para os terminos. O sexo e a atração sexual são considerados centrais na maior parte dos relacionamentos e apresentados de forma misturada ao próprio sentimento.

Entretanto, há outros dois conjuntos de músicas que revelam-se muito importantes no momento que estamos vivendo. Em um deles, há uma oposição entre a

vida de solteiro, de álcool, de “pegação”, de balada *versus* a vida de casado, de família e de amor romântico. É a “mulher certa” quem faz o homem mudar de uma vida para outra. Além de apresentar um reforço de valores tradicionais, essa vertente de canções também aponta para um distanciamento das temáticas recorrentes no sertanejo universitário do início da década de 2010, marcadas pela exaltação da balada e troca de mulheres.

Almeida (1999) enfatiza a importância do casamento e da constituição de família, em um determinado momento da vida do homem, como elementos decisivos na definição do estatuto de pessoa responsável:

A condição de casado é vista, entre homens, com uma atitude análoga àquela com que encaram o trabalho: é uma honra, é parte constituinte do prestígio público, mas é um sacrifício da liberdade adolescente e celibatária pré-nupcial e um contrato que implica o risco de desonra através do sempre hipotético adultério da mulher (ALMEIDA, 1996, p. 15).

Outro conjunto de músicas aponta relacionamentos que apresentam elementos de assédio, abuso, autoritarismo ou sentimento de posse (“Seu GPS tá ligado no meu celular / Vai voltar por conta própria, ou eu vou te buscar”; “Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada”). Apresentados como românticos, esses relacionamentos trazem de forma latente relações de gênero machistas e até de violência contra a mulher. Esses dois conjuntos se complementam; a valorização da vida em família é acompanhada, em certa medida, por uma relação de subjugação da mulher.

Nenhuma das músicas analisadas por nós problematiza temas políticos ou sociais de forma explícita, mas aquelas que trazem um eu lírico autoritário e possessivo, em especial, guarda proximidades com relações de opressão e discursos contemporâneos a elas relacionados.

Nas músicas interpretadas por um eu lírico masculino, o homem sofredor, em muitas situações, culpa a mulher ou se vê muito inseguro com relação a seu comportamento e à possibilidade de ser abandonado. O casamento é valorizado e desejado, e aparece também como forma de prender a mulher no relacionamento. Trata-se de aspecto a ser melhor investigado, porém as mulheres parecem, nesses discursos,

mais poderosas, e os homens fragilizados frente ao comportamento instável que elas podem assumir (e ao risco de traição).

A sofrência (embora não com este nome) já estava presente nas músicas da fase romântica do sertanejo, como podemos ver em canções como *Fio de Cabelo* (Chitãozinho & Xororó, 1982); *Desculpe, Mas Eu Vou Chorar* (Leandro & Leonardo, 1990); *Saudade Bandida* (Zezé Di Camargo & Luciano, 1993). Essa fase foi sucedida pelo sertanejo universitário que, como dissemos acima, exaltava um outro modelo de vida, trazendo uma juventude descontraída e voltada para o prazer. Nossa análise indicou que a fase atual retoma o romantismo dos anos 1980-1990, agora associado à valorização de uma relação estável (vida de família).

O modelo da masculinidade exclui, como prova de fraqueza, a imagem do homem que expõe seu sofrimento; “as emoções, os sentimentos e sua expressão são tidas como do domínio do feminino”, registra Almeida (1996, p. 15). Mas o autor também registra que é na arte, na poesia que o código social permite que se expresse aquilo que não deve ser mostrado em situações da interação cotidiana. Então esse sofrimento que o homem másculo deve controlar no seu dia a dia tem licença poética para ser cantado.

Essas reflexões destacam as contradições com que lida a música sertaneja contemporânea: a expressão do sofrimento, sem que isto comprometa a masculinidade do eu lírico sofredor; a importância social (mas também os riscos) do casamento para o homem.

Considerações finais: família e armas como ponto de sustentação

O quadro histórico e cultural brasileiro marcou duplamente o imaginário rural com os valores do patriarcalismo e da masculinidade. A ocupação de terras e a produção agrícola no país se deu, ao longo dos séculos, sob a égide do grande proprietário e das relações patrão-empregado, imprimindo muito fortemente a ideologia do “senhor” – que manda, que protege, que determina. Esse modelo patriarcal era exercido tanto nas relações externas – com subalternos e mesmo no âmbito da política – quanto internas, na esfera doméstica. O senhor que mandava em seus domínios e na política do país era também a autoridade absoluta dentro de sua família, fortalecendo na sociedade como um todo os valores machistas e a supremacia da masculinidade (de uma certa masculinidade).

A masculinidade ou, antes, masculinidades, nos lembra Kimmel (1998), são socialmente construídas (e não uma propriedade ou essência, resultado de algum atributo mítico ou biológico), e variam de acordo com a cultura e o período histórico. Analisando a versão hegemônica norte-americana de masculinidade, ele destaca como ela foi constituída na articulação da história do país com versões que surgiam na Europa e no resto do mundo²⁰.

O autor entende que

as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.) (KIMMEL, 1998, p. 3).

E destaca que existem três padrões básicos de demonstração da masculinidade: o autocontrole e domínio do corpo; o enfrentamento da natureza e de outros homens; a desvalorização de outras formas de masculinidade.

Não é nosso intento aqui discutir e caracterizar os modelos de masculinidade que se constituíram e atuam no cenário brasileiro contemporâneo, mas ressaltar a relação entre masculinidade / poder / controle, destacando que se trata de um campo de disputa de valores morais. Ora, como é muito evidente, a masculinidade é um valor forte em nossa tradição rural, resultado de várias combinações. De um lado temos a figura do padrão/patriarca, que acentua o mando e a supremacia masculina (reproduzidos por seus subalternos no trato com a própria família). Do lado do trabalhador rural, na lida com a terra e os animais, se espera força física, coragem, temeridade. Trata-se de um modelo de masculinidade que valoriza a virilidade e incorpora traços de um comportamento agonístico – o sujeito que enfrenta brigas, que não corre do adversário. Neste cenário, o uso de armas, e arma de fogo, se encaixa perfeitamente.

Voltemos ao nosso tema. Conforme analisamos acima, houve uma mudança, de natureza mais conservadora (um retorno, de certa forma), nas temáticas cantadas pelas

²⁰ Kimmel (1998) aponta dois modelos de masculinidade que coexistiam no final do séc. XVIII nos Estados Unidos: o Patriarca Gentil e o Artesão Heroico, sucedidos, a partir de meados do séc. XIX, por uma nova versão, o Self-Made Man (KIMMEL, 1998, p. 111).

músicas sertanejas dos últimos quatro anos. Essa mudança coincide com a grande reviravolta no cenário político brasileiro (*impeachment* da presidenta Dilma, governo Temer), e com uma onda de conservadorismo que vem atravessando a sociedade, representada sobretudo por certas vertentes evangélicas (neopentecostalismo). Paralelamente, esse cenário assistiu também a uma maior popularização das pautas e do movimento feminista. Importante registrar ainda que a geração de jovens dos nossos dias está vivendo um momento político e social no Brasil bastante distinto da juventude da primeira década dos anos 2000, marcado, agora, por um alto desemprego.

As músicas aqui analisadas falam de amores malsucedidos, de eu líricos que sofrem com a separação, são “revirados” pela perda da mulher amada e precisam ser “arrumados” pela nova companheira. Ao mesmo tempo, há uma insegurança e uma desconfiança no que ainda pode vir a acontecer, e uma valorização do casamento, da vida em família, no contrato que vai “segurar” a mulher. O álcool e as noitadas são trocados pelo recolhimento e pelo comedimento, num autocontrole do corpo e do espírito. Vemos aqui uma masculinidade insegura, enfrentando dificuldades para lidar com a “inconstância” das mulheres, debatendo-se entre dois modelos de mulher: aquelas que devem responder pelo seu sossego e as “insaciáveis” (ALMEIDA, 1996, p. 12).

Os cantores sertanejos que apoiaram Bolsonaro se enquadram bem no modelo de masculinidade apontado acima: defendem o controle, o uso da força, se deixam fotografar com armas e em posição de combate (veja-se fotos de Eduardo Costa; capas de disco de Léo Canhoto & Robertinho), configuram a existência de um quadro agonístico entre bandidos e “pessoas de bem”. Colocam-se em posição de defesa da família (e da propriedade, lembrando que em sua maioria são proprietários rurais), reforçando no mesmo movimento a figura do macho protetor.

Não é o caso de apontar equivalências, mas complementariedade: o modelo de masculinidade hegemônica, ameaçado pelo empoderamento das mulheres, pelo crescimento dos “outros” (“os bandidos”), numa sociedade em crise, encontra na família, no amor bem-sucedido, mas também na ordem, na disciplina e nas armas – e em Bolsonaro – seu ponto de sustentação.

Finalizando, queremos lembrar os desafios trazidos pelos estudos da música na perspectiva da comunicação – pois neste caso não se trata de uma análise musical (como

feita no campo da Música), nem de uma análise das condições de produção, de cunho mais sociológico. Interessa-nos pensar a música enquanto uma fala, inscrita num determinado campo discursivo; interessa-nos identificar as características dos emissores (cantores) e seus públicos, bem como os elementos que atuam criando a adesão.

No estudo mencionado inicialmente, sobre o posicionamento de celebridades nas últimas eleições, chamou-nos atenção o apoio entusiasta dos cantores sertanejos a Bolsonaro; buscamos analisar suas falas (que fatores eles destacaram) e em seguida olhar para as canções de maior sucesso. Zezé de Camargo, no vídeo citado, conta do apoio de seu auditório ao “mito”, o que o levou a se interessar também pela candidatura de Bolsonaro. Vimos então, no que toca ao comportamento político, uma sintonia entre cantores e seus públicos apoiando o capitão. E as características que mais se destacam são firmeza, disciplina, ordem, armas. Olhando para as músicas e para os cantores de maior sucesso, ou seja, para aqueles que alcançam maior adesão de público, nos deparamos com canções que não falam do rural, não falam da natureza, e nem de política, mas de amores mal resolvidos. Homens que sofrem (ou temem) rejeição e almejam uma situação de segurança. Essa segurança viria da constituição de uma família, de um casamento que coloque freio nas mulheres. A sofrência, neste sentido, denota uma masculinidade machucada e que busca se restabelecer, colocar as coisas novamente em ordem - assim como a candidatura de Bolsonaro pode colocar ordem no país e trazer segurança, (simbolizada pelo uso de armas). Homens armados para enfrentar bandidos e para manter suas mulheres em casa e garantir sua fidelidade. Com este movimento entendemos que conseguimos fechar um círculo; não criar relações de causa-efeito, ou buscar equivalências perfeitas, mas perceber sintonias. Cantores, canções e públicos se inserem num mesmo quadro discursivo e de valores – que é o conservadorismo e a defesa (revalorização) da masculinidade.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale. Género, masculinidade e poder. Revendo um caso do Sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 95, p. 161-190, 1996.

ANTUNES, Edvan. **De caipira a universitário**: a história de sucesso da música sertaneja. São Paulo: Matrix, 2012.

FRANCA, Vera Veiga; VIEIRA, Vanrochris Helbert. Sertanejo universitário: expressão e valores de jovens urbanos no Brasil contemporâneo. **Contemporânea** (UFBA. Online), v. 13, p. 106-122, 2015.

FRANÇA, Vera; MEDEIROS, Fernanda; ALMEIDA, Maria Lúcia. “As celebridades nas eleições 2018: posicionamentos e ênfases discursivas”. In: PRADO, Denise Figueiredo. B.; TAVARES, Frederico M. B.; TAVARES, Michele S. (Orgs.) **Mídia, tempo e interações sociais**: conceitos em circulação. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020. (no prelo)

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

MARTINS, José de Sousa. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira**: da roça ao rodeio. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ZIZEK, Slavoj. **El sublime objeto de la ideologia**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2003.